

Cultura escolar da Educação de Jovens e Adultos de Florianópolis (SC): a reunião de planejamento na pesquisa como princípio educativo

Resumo: A Educação de Jovens e Adultos (EJA) da cidade de Florianópolis (SC) funciona tendo a Pesquisa como Princípio Educativo (PPE). Isso representa uma série de mudanças nas formas de compreensão e nas práticas dos professores que trabalham nesse contexto específico. Por meio, principalmente, da categoria de cultura escolar, conceituada através dos trabalhos de Julia (2001) e Viñao Frago (2006), este artigo tem por objetivo apresentar, descritivamente, algumas características de um momento inerente ao funcionamento da EJA em Florianópolis: a reunião de planejamento. Para isso foram utilizadas metodologias de pesquisa do tipo etnográfica com observações de campo e metodologias de história oral em que foram entrevistados os professores que atuavam nesse contexto. Como conclusão dessa pesquisa é possível afirmar que as reuniões de planejamento, tal como são concebidas na EJA de Florianópolis, proporcionam de forma institucionalizada um momento raro de trocas e diálogos entre professores, isso gera resultados positivos para o trabalho dos docentes e torna possíveis as ações educativas com os estudantes via PPE.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Cultura escolar. Pesquisa como princípio educativo.

School culture of Youth and Adult Education in Florianópolis (SC): the planning meeting in pesearch as an educational principle

Abstract: The Education of Young and Adults in the city of Florianópolis (SC) works with Research as an Educational Principle. This represents a series of changes in the forms of understanding and practices of teachers working in that particular context. The main objective of this article is to describe the characteristics of a moment inherent to the functioning of the EJA in Florianópolis: the planning meeting. For this, ethnographic research methodologies with field observations and oral history methodologies were used in which teachers in this context were interviewed. As


**Claudio Roberto Antunes
Scherer Júnior**

Mestre e doutorando em Educação (UFSC). Professor de história e historiador em Florianópolis. Santa Catarina, Brasil.

 orcid.org/0000-0001-8826-2862

 claudioschererjr@yahoo.com.br

Recebido em 04/09/2020
Aceito em 10/12/2020
Publicado em 02/03/2021

eISSN 2675-1933
 [10.37853/pqe.e202113](https://doi.org/10.37853/pqe.e202113)



conclusion of this research it is possible to affirm that the planning meetings, as conceived in the Education of Young and Adults of Florianópolis, institutionally provide a rare moment of exchanges and dialogues between teachers, this generates positive results for the work of the teachers and makes possible the actions with students via Research as an Educational Principle.

Key-words: Youth and adult education. School culture. Research as an educational principle.

Cultura escolar de la Educación de Jóvenes y Adultos en Florianópolis (SC): la reunión de planificación en la investigación como principio educativo

Resumen: La Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) en la ciudad de Florianópolis (SC) trabaja con la Investigación como Principio Educativo. Esto representa una serie de cambios en las formas de comprensión y prácticas de los docentes que trabajan en ese contexto específico. A través principalmente de la categoría de cultura escolar, conceptualizada a través de los trabajos de Julia (2001) y Viñao Frago (2006), este artículo pretende describir, de manera descriptiva, algunas características de un momento inherente al funcionamiento de EJA en Florianópolis: reunión de planificación. Para ello se utilizaron metodologías de investigación etnográfica con observaciones de campo y metodologías de historia oral, en las que se entrevistó a docentes que trabajan en este contexto. Como conclusión de esta investigación es posible afirmar que las reuniones de planificación, tal como se conciben en la EJA de Florianópolis, brindan de manera institucionalizada un raro momento de intercambios y diálogos entre docentes, esto genera resultados positivos para el trabajo de los docentes y posibilita las acciones y actividades educativas con estudiantes.

Palabras clave: Educación de jóvenes y adultos. Cultura escolar. Investigación como principio educativo.

1 Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) da cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, funciona tendo a Pesquisa como Princípio Educativo (PPE).

Isso representa uma série de especificidades e particularidades dos processos educativos inerentes a esse contexto. Os modos de conceber e materializar as atividades nas escolas são direcionados tendo a PPE como motor propulsor das ações educativas.

Nesse contexto da EJA via PPE os estudantes são estimulados pelos professores a desenvolverem pesquisas relacionadas aos seus interesses pessoais. Essas pesquisas são a parte central das atividades e, portanto, não existe na EJA de Florianópolis delimitação de tempo e espaço entre as diferentes disciplinas, ou seja, os estudantes não têm aulas específicas de História, Matemática, Português, Artes, etc. As diferentes áreas disciplinares devem ser trabalhadas via desenvolvimento das pesquisas. Os professores das áreas são os responsáveis pelas orientações e interligações com as diferentes formas de conhecimento, auxiliam diretamente os grupos de pesquisa e, muitas vezes, atuam todos em conjunto numa mesma sala de aula ao mesmo tempo, conversando com cada grupo, ou mesmo, com cada estudante de modo particularizado.

A EJA de Florianópolis é concebida em núcleos, estabelecidos, na maioria dos casos, em escolas básicas municipais. Cada núcleo é nomeado conforme sua região da cidade mais um número romano. No ano de 2016 existiam nove núcleos de EJA, em sua maioria com funcionamento no período noturno: Centro I (matutino e vespertino), Centro I (noturno), Centro II, Continente I, Sul I, Sul II, Leste III, Norte I e Norte II, essas informações foram obtidas diretamente do Departamento de Educação de Jovens e Adultos (DEJA). Para este artigo foram estudados os núcleos EJA Norte I e EJA Norte II, ambos funcionam no período noturno e estão localizados em bairros na região norte da ilha de Florianópolis. Cada núcleo é dividido internamente entre primeiro segmento (anos iniciais do Ensino Fundamental) e segundo segmento (anos finais do Ensino Fundamental). Os estudantes do primeiro segmento contam com uma professora pedagoga, responsável, principalmente, pelo letramento e alfabetização. Os discentes do segundo segmento são os que trabalham diretamente com pesquisas e contam com professores das seguintes áreas: Artes (Cênicas ou Plásticas), Ciências (Biologia), Educação Física, Espanhol, Geografia, História, Matemática e Português. Esses professores atuam como orientadores, induzindo e levantando questionamentos sobre os caminhos a serem trilhados a respeito de determinada problemática estabelecida pelo grupo de alunos responsáveis pela pesquisa.

A EJA de Florianópolis por meio da PPE possui uma série de peculiaridades relacionadas à ação docente, uma série de especificidades são requeridas para o funcionamento da PPE. Alguns conceitos enraizados em nossa sociedade sobre os modos de ser e agir em contexto educativo são modificados. Os professores ao atuarem nas pesquisas dos estudantes e demais atividades correlacionadas, necessitam acionar e ou desenvolver algumas características, alguns conhecimentos inerentes à prática docente nesse contexto. Em outras palavras, devem aprender a ser professores nesse contexto específico.

Este artigo tem seu foco numa atividade peculiar da EJA de Florianópolis, um momento de interação exclusiva entre docentes, mais precisamente uma reunião de planejamento, como é chamada pelos professores, conhecida também, em caráter mais normativo, como Formação Descentralizada. O objetivo deste artigo é descrever e analisar essa reunião de planejamento, utilizando como lentes a categoria de cultura escolar, trazendo a tona uma série de especificidades desse momento de trabalho da EJA de Florianópolis. A partir de observações de tipo etnográficas (André, 2010) e com o auxílio de fontes orais (Portelli, 1997), construídas por meio de entrevistas concedidas por alguns professores que atuaram nos núcleos citados, no ano de 2016, construir uma narração descritiva a mais densa possível (Geertz, 2008). Ao longo do texto as falas dos professores foram transcritas e identificadas com codinomes escolhidos pelos próprios entrevistados, visando à preservação do anonimato dos participantes.

Para este trabalho cultura escolar é entendida como:

Um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas” (Julia, 2001, p. 10).

Com base nessa conceituação inicial de Julia (2001), algumas informações são apresentadas, um pouco amplas é verdade, mas que auxiliam a compreender essa categoria de análise. Cultura escolar como sendo normas e práticas para inculcar conhecimentos e condutas. Avançando na leitura é possível perceber a preocupação do historiador francês em não se ficar detido apenas nos documentos, apenas nos textos, Julia (2001, p. 19) diz que: “os textos normativos devem sempre nos reenviar às

práticas; mais que nos tempos de calma, é nos tempos de crise e de conflitos que podemos captar melhor o funcionamento real das finalidades atribuídas à escola.”

Julia se preocupava em não se fazer pesquisa sobre a escola apenas por meio de fontes escritas, à distância, pois entre o texto e o cotidiano de sala de aula há muito que se observar e perceber. É no ambiente real de ensino, nos conflitos e adversidades diárias, que é possível visualizar e analisar as tecituras na relação entre os sujeitos envolvidos, ou seja, docentes e discentes, e, as estruturas institucionais, como: currículo, avaliação, aprendizagem, entre outras, tudo isso no cotidiano dinâmico de uma escola.

Viñao Frago (2000, p. 2, 3. Apud: Faria Filho, 2004, p. 148) também colaborou para a compreensão de cultura escolar aqui proposto:

Concepto de cultura escolar como un conjunto de teorías, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inercias, hábitos y prácticas – formas de hacer y pensar, mentalidades y comportamientos – sedimentadas a lo largo del tiempo en forma de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puestas en entredicho y que proporcionan estrategias para interactuar y para llevar a cabo, sobre todo en el aula, las tareas cotidianas que de cada uno se esperan, así como hacer frente a las exigencias y limitaciones que dichas tareas implican o conllevan.

Ao fixar o olhar nessas teorias, ideias, princípios, normas, etc. como citados por Viñao Frago, é possível perceber nuances e indícios corriqueiros, porém significativos nas interações entre os professores da EJA de Florianópolis. A reunião de planejamento propicia uma situação de trabalho docente pouco comum fora da EJA de Florianópolis. As próximas linhas têm a intenção de registrar, descrever e possibilitar a compreensão desse momento importante para o funcionamento da EJA via PPE.

2 A reunião de planejamento: “A base da EJA”

Em 2016, as reuniões de planejamento aconteciam nas segundas e quartas-feiras no período da tarde. Em anos anteriores essas reuniões eram nas terças e quintas-feiras; muito provavelmente a mudança deveu-se à busca por uma melhor organização no cronograma semanal, com o intuito de iniciar a semana programando-a.

A rotina da reunião é muito semelhante entre os dois núcleos estudados. Os professores começavam a chegar à sala da EJA por volta das 13 horas. Alguns traziam petiscos como salgadinhos, bolachas, biscoitos e bolos. Sempre havia na mesa café e,

muitas vezes, alguém que não tomava café, socializava sucos. O momento de reunião de planejamento era uma atividade que ia além de assuntos didáticos/administrativos. Era um momento de interação intensa entre os professores, troca de ideias, diálogos, compartilhamentos e formação de vínculos.

A Formação Descentralizada da EJA, chamada principalmente de reunião de planejamento, pode, em princípio, ao olhar externo, não parecer muito importante. Porém, ela proporciona estranhamentos e surpresas, principalmente em professores com experiências fora da EJA de Florianópolis.

A reunião é o máximo! Porque quebra o paradigma na escola de os professores não se encontrarem. A reunião pedagógica (em outras escolas) é algo que eu não sei para que existe, não sei..., não sei o que acontece (risos), porque um só fala e não sei se as pessoas tem medo ou o que acontece, mas nada acontece. Essas formações (descentralizadas) de segunda e quarta é uma coisa muito próxima do professor, segunda e quarta e todos os dias das 18h às 19h, que é quando a gente se fala (os professores). Isso é extremamente importante porque a gente está sempre ligada em tudo que está acontecendo, isso via reunião. A gente troca informações de problemas, de coisas legais, a gente troca informações de tudo. Isso não é normal na escola. Isso que é legal. A gente troca informação de tudo que aconteceu de bom e de ruim. [...] Então, começa ali, a formação (descentralizada) é essencial porque a gente passa um para o outro o que está acontecendo, e qual a visão de um e qual a visão do outro. Um acha que o cara (estudante) é um 'drogado' e não quer saber de nada, mas outro pode dizer que não é bem assim. São vários pontos de vista e pessoas que estão abertas a ouvir outros pontos de vista. Aqui tem voz e tem sentido, porque a minha opinião vale, seja ruim ou boa, todo mundo pode falar o que acha. (Prof^a. MacGyver, entrevista, 2016, p. 3 e 4).

Nesse excerto, é possível visualizar uma série de informações a respeito da reunião de planejamento da EJA. Em primeiro lugar, uma entonação de satisfação, a expressão utilizada para adjetivar a reunião é a palavra "máximo", ou seja, aquilo que é muito bom, o topo de contentamento, que denota a satisfação da professora entrevistada. Em segundo, a opinião da professora de que nas escolas, de modo geral, os professores não se comunicam, quase não trocam informações, seja sobre as turmas, seja sobre os estudantes, seja sobre dificuldades e/ou estratégias bem sucedidas nas interações em sala. Essa falta de comunicação é presente na fala da professora que, ao comparar, aponta para uma falta de utilidade e de objetivo naquela reunião feita fora da EJA em suas experiências anteriores em outras escolas.

Parece evidente que a troca de informações pela via da comunicação direta entre professores é um fenômeno recorrente na EJA, mas também possível em outros contextos. A professora MacGyver evidencia as atividades entre as 18 e 19 horas,

momento em que os docentes, habitualmente, organizam as atividades da noite, imprimem material, escrevem nos diários dos estudantes¹ e, principalmente, conversam. Existe a noção de que essas trocas dialógicas proporcionadas pela reunião não é algo “normal nas escolas”. A reunião de planejamento, na visão da professora MacGyver, não só dela, pois outros professores mencionam isso, é tida como essencial, porque possibilita um momento de troca de ideias sobre as pesquisas, sobre os últimos acontecimentos no núcleo e por ser um momento onde todos têm voz e podem dar suas opiniões, pois serão ouvidas.

Essas reuniões de planejamento parecem caminhar junto com a ideia de Tardif (2010) de que o relacionamento entre professores no ambiente de trabalho cotidiano permite objetivar saberes da experiência. Nesse sentido, as reuniões de planejamento se configuram num dos momentos mais importantes para troca de experiências entre docentes na EJA. Tardif (2010, p. 52, 53) afirma:

Cotidianamente, os professores partilham seus saberes uns com os outros através do material didático, dos ‘macetes’, dos modos de fazer, dos modos de organizar a sala de aula, etc. Além disso, eles também trocam informações sobre alunos. Em suma, eles dividem uns com os outros um saber prático sobre sua atuação.

No contexto estudado, essa afirmação toma ainda mais força, pois as reuniões das tardes de segundas e quartas-feiras são momentos onde muitos conhecimentos são partilhados. Professores experientes e novatos propõem e discutem possibilidades de ações em determinadas situações, seja de indisciplina, falta de interesse, mudança de método, atividades lúdicas, entre outros. Nesses momentos, não é raro professores experientes relatarem situações de sucesso ou insucesso vividas em anos anteriores de atuação na EJA. A fala da professora Pro é um exemplo disso:

O ano passado eu propus para eles fazerem um *fanzine*, que foi uma ideia de um professor de português que foi meu colega de EJA. Ele veio com a história de fazer *fanzines*, e eu achei um ‘barato’, porque é você fazer uma revista com o assunto que você goste, que você curte pra caramba, você vai trabalhar, e você pode trabalhar com desenho, com colagens, ou seja, com a arte e com o conhecimento, e de uma maneira muito mais livre. Essa foi uma proposta que eu levei da EJA para o Ensino Médio e deu super certo. Eles adoraram. Esse ano eu vou fazer *fanzine* de novo (risos). (Prof^a. Pro, entrevista, 2016, p. 3).

¹Os diários são uma forma de conversa indireta entre discentes e docentes pela via da escrita. É uma forma de estímulo a comunicação que proporciona um maior conhecimento a respeito das vidas dos alunos, mas também uma estratégia pedagógica no intuito da prática da escrita.

Em sua fala, além de aprender uma atividade nova de trabalho com *fanzines*, a professora relata que levou essa forma de trabalho para outros ambientes de ensino, fora da EJA de Florianópolis, no caso, para o Ensino Médio onde a professora é efetiva na rede estadual. Os saberes adquiridos no trabalho na EJA, compartilhados e debatidos nas reuniões de planejamento extrapolam seu ambiente e a professora Pro levou o conhecimento de trabalhar em sala com *fanzines* para sua prática profissional.

A reunião normalmente tem seu início às 14 horas, mas, na maioria das vezes, muitos professores antecipam algumas trocas de informações a respeito de determinadas atividades, alunos e/ou pesquisas. Cada núcleo de EJA em Florianópolis possui um coordenador que é o responsável por levantar as pautas da reunião para o debate e normalmente inicia com uma série de informes sobre os mais variados assuntos, desde greves, paralisações, reposições de aulas, possibilidades de saídas pedagógicas, cursos, eventos acadêmicos, Formações Centralizadas, entre outros. Conforme o coordenador apresenta os informes, pergunta sobre o interesse dos docentes, sobre as possibilidades de participação e, em alguns casos solicita um professor, usualmente aquele com a formação mais ligada ao assunto, para verificar e trazer algum encaminhamento, por exemplo: se for uma peça de teatro, encaminha para o professor de Artes Cênicas; se for um passeio histórico, para o professor de História e assim por diante. Desse modo, ele delega funções e responsabilidades extraclasses para os docentes.

O coordenador possui um caderno com anotações sobre os encaminhamentos da reunião anterior e, após os informes, questiona a respeito dos encaminhamentos, sobre o que foi feito, o que não foi feito, o que deu certo ou não. Isso parece funcionar como um modo de controle sobre a aplicabilidade e funcionalidade das decisões das reuniões anteriores, como uma forma de registro das atividades e como um tipo de cobrança sobre os trabalhos executados. Esse momento pode variar muito de formato, isso vai depender da personalidade do coordenador, pois pode ser algo mais incisivo, no sentido de uma cobrança, ou pode fluir mais como uma conversa, algo menos incisivo e mais amigável. A fala da professora MacGyver auxilia na compreensão:

Eu vejo assim a partir da minha experiência em Administração: é uma reunião de trabalho de uma empresa, é muito parecido com isso. Porque o (coordenador) pergunta como é que está tal coisa e

está a par de tudo, das nossas ações e as dos alunos, de tudo o que está acontecendo. É uma empresa, uma questão administrativa, por isso que funciona. Nós somos todos seres humanos, ninguém aqui é máquina e ninguém é chato. Cada um é diferente do outro, porque são muitas pessoas diferentes aqui, a gente tem uns 'conflitinhos' de vez em quando, mas é coisa boa também. (Profª. MacGyver, entrevista, 2016, p. 3 e 4).

Mesmo existindo algumas diferenças de abordagem do mesmo momento pedagógico, é possível afirmar que variadas formas podem funcionar, cada qual com sua especificidade de trabalho. As características ligadas ao modo de materializar as reuniões de planejamento não parecem, nos dois casos estudados, alterar a concepção da utilidade informativa, administrativa e formativa desses encontros. Em nenhum momento, quando questionados sobre a reunião de planejamento, os professores apresentaram algum tipo de queixa ou descontentamento para com a reunião ou os coordenadores, pelo contrário, manifestaram contentamento e cumplicidade, como na fala do professor Virgulino, quando rememorou a relação que teve com outros chefes em sua vida profissional, antes da docência na EJA, e compara com as situações de brincadeiras e descontração com o coordenador de seu núcleo: “Isso eu nunca tive em outro trabalho, falar isso com o meu chefe, isso é muito bom. Quando muito uma piadinha, mas não um com o outro, piadinha do momento, do trabalho, por isso que eu falei, o (coordenador) é a imagem da EJA.” (Prof. Virgulino, entrevista, 2016, p. 7). A ação docente na EJA de Florianópolis perpassa muito pelo convívio e exemplo dado pelos coordenadores, o que proporciona um processo de aprendizagem, nem sempre direta e intencional. É possível afirmar isso, pois, de modo geral, os coordenadores passaram por muitas situações em seus anos de experiências na EJA, na lida com os estudantes. Experiência justamente como delimitado por Larrosa Bondía (2002), ou seja, aquilo que “nos acontece”, isso quer dizer que muita coisa já aconteceu com eles ao longo dos anos de trabalho na EJA. Com a exceção de um ou dois núcleos, a maioria dos núcleos de EJA de Florianópolis tem por coordenadores professores efetivos da Rede Municipal de Ensino possuindo vários anos de experiência na EJA, sendo que o inverso acontece com a contratação dos professores, ou seja, quase todos atuam em contratos temporários.

Outro entrevistado, o professor José, além de considerar fundamentais as reuniões, acredita que deveriam ser ampliadas:

Elas são fundamentais. Eu acho que tinha que ter mais, tinha que ser 40 horas professor de EJA, 40 horas e três reuniões semanais, porque são poucas; a gente não dá conta, ou é uma reunião administrativa ou é uma reunião pedagógica e, às vezes, o administrativo toma mais conta do que o pedagógico. (Prof. José, entrevista, 2016, p. 5).

Em sua fala é possível perceber outro aspecto das reuniões e da atuação dos professores da EJA, que, além de questões ligadas ao ensino, às pesquisas, às atividades de interação com os estudantes, eles também atuam em questões administrativas, ligadas à matrícula, frequência, certificação, organização escolar, secretaria, divulgação, etc. Muitas vezes, as reuniões concentram-se quase que exclusivamente nesses aspectos, principalmente, em momentos de avaliação e certificação.

O professor José aponta a necessidade de mais horas para essas reuniões por causa do excesso de demandas, isso está ligado ao fato de que no ano de 2016 a carga horária dos professores contratados para atuarem na EJA de Florianópolis era de 30 horas semanais. A professora Minerva, além de reafirmar a essencialidade das reuniões, nos auxilia a compreender um pouco mais quais demandas são essas, o que é feito nesses momentos de planejamento:

Eu acho que essas reuniões são extremamente essenciais, porque é através dali que a gente vai conseguir planejar, trazer todas as demandas, fazer as avaliações dos estudantes; tudo o que o núcleo traz, é ali dentro dessas reuniões que a gente vai poder resolver tudo aquilo. Decidimos passeios pedagógicos, todas essas coisas que os alunos precisam, necessitam, a gente resolve tudo nessas reuniões pedagógicas. E acho que sem essas reuniões acho que não existiria a EJA. Porque é esse o tempo que a gente tem de planejamento, de repensar tudo aquilo que a gente está fazendo (Prof^a. Minerva, entrevista, 2016, p. 3).

É unânime, entre os docentes entrevistados, a importância desses momentos dialógicos de planejamento e discussões. Na fala de todos, encontramos essa ideia de que é na reunião de planejamento que a EJA com ensino via PPE consegue se materializar e avançar nos processos educativos. Ao ser perguntado sobre o modo de funcionamento das atividades educativas na EJA, o professor Virgulino não tem dúvida por onde deve começar a explicar: “Vamos começar pela reunião, que é um *background* do que vem depois. Eu já acho que a reunião é completamente diferente dos outros trabalhos que eu tive, [...]” (Prof. Virgulino, entrevista, 2016, p. 2). O destaque dessa afirmação é que não foi perguntado ao professor sobre a reunião de planejamento, mas sim, sobre o modo de funcionamento da EJA, o que, para ele, tem seu início pelas tardes de reunião.

As reuniões de planejamento da EJA parecem se enquadrar em aspectos levantados por Viñao Frago (2006) ao referir-se sobre os elementos e aspectos da cultura escolar, principalmente aspectos organizativos e institucionais que possuem três instâncias acerca do que os constitui. Dois desses aspectos parecem se encaixar melhor naquilo que encontramos na EJA com as reuniões de planejamento:

Las prácticas y rituales de la acción educativa: la graduación y clasificación de los alumnos, la división del saber en disciplinas independientes y su jerarquía, la idea de la clase con un espacio-tiempo gestionado por un solo maestro, la distribución y usos del espacio y del tiempo, los criterios de evaluación y promoción de los alumnos, etc. (Viñao Frago, 2006, p. 75. Grifo meu).

Viñao Frago (2006), ao elaborar os exemplos daquilo que formaria essas práticas e rituais, tem seu ponto de análise e exemplificação residido num modelo disciplinar da organização do ensino, da dita escola “convencional” ou chamada de “regular”. Mas é viável pensar a reunião de planejamento da EJA como que inserida, formalmente, nas instâncias das práticas e rituais, presentes nos aspectos institucionais e organizativos. Ela não se faz à parte, não é uma extensão das práticas. Como ficou evidente nas observações e nas falas apresentadas, ela é essencial à sistemática da PPE da EJA de Florianópolis.

O segundo aspecto apontado por Viñao Frago (2006, p. 75. Grifo meu) se refere aos: “**modos organizativos formales** – *dirección, claustro, secretaría, etc.* – **e informales** – *tratamiento, saludos, actitudes, grupos, prejuicios, formas de comunicación, etc.* – *de funcionar y relacionarse en el centro docente*”. Aqui parece ser mais fácil visualizar a reunião de planejamento da EJA, que se configura, talvez, como o mais importante modo organizativo do trabalho, que se não existisse, inviabilizaria toda a PPE.

A respeito da reunião de planejamento, a afirmação do professor João na próxima citação é informativa, pois ele utiliza a expressão “base” para defini-la, ou seja, aquilo que sustenta, que dá firmeza, que alicerça, algo que, se não existisse, faria ruir todo o resto.

Eu acho que é a base da EJA. Eu acho que ali é o momento mais importante da metodologia que é usada na EJA, porque sem aquele momento a tarde para planejamento as coisas não iam acontecer; a discussão do que está acontecendo, todo mundo sabe de todas as pesquisas, a gente divide o trabalho de corrigir as coisas e tudo mais. É o momento imprescindível, a EJA não tem como acontecer nessa metodologia (PPE), com as pesquisas, sem aquele horário de planejamento, até, às vezes, essas duas tardes são pouco, mas tem de fazer render, [...] (Prof. João, entrevista, 2016, p. 3).

As reuniões de planejamento parecem estar bem definidas quanto à sua utilidade e essencialidade para o funcionamento do ensino via PPE na EJA de Florianópolis. Fica evidente que, na visão dos docentes, as reuniões são a “base da EJA”, para usarmos a expressão do professor João.

Durante as observações de campo era visível que os momentos de discussão e diálogo entre docentes e coordenador se configuravam em uma atividade que conseguia misturar situações de ensino/aprendizagem, com momentos de tensões, devido a alguns assuntos mais sérios ou mais importantes, relacionados aos estudantes ou às relações trabalhistas, e momentos de descontração e leveza. Não eram raros os momentos de risadas e brincadeiras, evidenciando o entrosamento entre toda a equipe docente. Esse entrosamento, que é construído principalmente nas interações das reuniões, parece ser fundamental nas atividades noturnas com os estudantes, onde a parceria e ajuda mútua são visivelmente observadas. Mais do que parceiros das interações e intervenções com os estudantes a partir das pesquisas, os professores funcionam enquanto uma equipe coesa, na busca por maximizar as atividades educativas da EJA, por meio da PPE, o que, sem a reunião de planejamento, como eles mesmos afirmam, seria impossível.

A reunião de planejamento da EJA se configura como essencial para a concretização e configuração das especificidades das culturas escolares construídas no ambiente da EJA de Florianópolis. Esse é um dos motores propulsores do desenvolvimento e/ou acionamento de saberes docentes (Tardif, 2010), principalmente ligados à atuação em grupo e entrelaçados ao compartilhamento de experiências (Scherer Júnior, 2017).

3 Considerações finais

Este artigo buscou apresentar e descrever nuances da característica de trabalho dos docentes que atuam na EJA de Florianópolis, tratou mais especificamente da reunião de planejamento (Formação descentralizada). Apresentou pelas lentes da categoria de cultura escolar, com o auxílio das falas dos professores entrevistados e de observações de campo, algumas especificidades de ação dos docentes ligados aos costumes, hábitos, práticas, formas de ser a atuar como professor nesse contexto específico.

A reunião de planejamento presente na EJA de Florianópolis rompe com uma série de concepções enraizadas na maioria das escolas, principalmente com o fato de que a maioria dos professores não se comunica uns com os outros, não dialoga entre si sobre assuntos relacionados às suas práticas profissionais. A EJA de Florianópolis ao promover essas reuniões de planejamento, institucionaliza um momento pedagógico raro, uma atividade remunerada em que os docentes podem interagir e dialogar sobre suas atividades, a respeito dos estudantes e juntos, os professores, problematizam e discutem possíveis estratégias pedagógicas.

Em Florianópolis, na EJA, a atividade docente deixa de ser um momento individual, em que um professor tem de lidar com todas as possíveis situações inerentes ao trabalho docente e passa a ser uma atividade em grupo, em que todo o grupo é responsável para com os processos educacionais ligados a PPE. Isso só é possível graças à existência desse momento chamado reunião de planejamento, pois é durante essa reunião, em meio às relações e interações entre os professores, que estes criam vínculos e alianças fundamentais para a concretização dos trabalhos com pesquisas com os estudantes (PPE).

Um dado preocupante se refere ao fato de que a todo o momento a administração municipal põe em cheque a utilidade dessas reuniões sem estudantes. Aparentemente a intenção da administração municipal é de reduzir a carga horária dos professores da EJA, aniquilando com a reunião de planejamento, o que significaria uma economia para os cofres públicos. Como quase sempre acontece na educação, é desafiador manter propostas e ações inovadoras e instigantes, quase sempre essas iniciativas que possibilitam o desenvolvimento do estudante por vieses não convencionais esbarram numa burocracia administrativa muito mais preocupada com números do que com o desenvolvimento dos sujeitos. Até onde é possível saber, a EJA de Florianópolis ainda funciona com as reuniões de planejamento, tal como foi possível descrever neste artigo. Porém, até quando?

A unanimidade dos professores consultados afirmou e enfatizou a importância das reuniões de planejamento para o funcionamento da PPE e conseqüente bons resultados nas aulas, ou seja, para o melhor desenvolvimento das atividades com os

estudantes, e mais do que isso, foi possível perceber nas falas dificuldades ligadas ao pouco tempo disponível para esses encontros. A PPE da EJA de Florianópolis representa uma alternativa em meio a um marasmo de iniciativas públicas ligada ao ensino, principalmente à EJA. Seria interessante sua ampliação e adequação a diferentes níveis de ensino, porém, parece ser mais plausível uma luta pela sua sobrevivência.

Referências

- André, M. E. D. A. (2010). *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus.
- Borges Fagundes, L., & da Silva Thiesen, J. (2021). Proposta Curricular da Educação de Jovens e Adultos de Florianópolis: produção e participação docente. *Pesquisa e Ensino*, 2(2), 202105. <https://doi.org/10.37853/202105>
- Faria Filho, L. M. de.; Vidal, D.G.; Paulilo, L. P. (2004). A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 30, nº 1, jan./abr. p. 139-159.
- Geertz, C. (2008) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Larrosa Bondía, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro. jan./fev./abr. nº. 19, p. 20-28.
- Julia, D. (2001). A Cultura escolar como Objeto Histórico. *Revista brasileira de história da educação*. nº1, jan./jun., p. 09-43.
- Portelli, A. (1997). Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, n.15, abr., p. 13-49.
- Scherer Júnior, C. R. A. (2017) *Saberes Docentes na Educação de Jovens e Adultos em Florianópolis (SC)*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- Tardif, M. (2010) *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes.
- Viñao Frago, A. (2006) *Sistemas educativos, culturas escolares y reformas*. Madrid: Morata.